

Concordância verbal

Alan N. Baxter

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BAXTER, AN. Concordância verbal. In LOBO, T., and OLIVEIRA, K., orgs. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 317-337. ISBN 978-85-2320-888-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Alan N. BAXTER
(Universidade de Macau)

INTRODUÇÃO

Uma das primeiras referências lingüísticas à variação na concordância sujeito-verbo no português brasileiro (doravante PB) foi feita no século XIX pelo dialetólogo Adolfo Coelho (1880-1886 [1967, p. 43]). Amplamente observada em estudos de variedades do PB rural, nos quais atinge a maior parte do paradigma da flexão de pessoa e número, há evidências de que, em épocas passadas, em algumas vertentes afro-brasileiras e ameríndias, essa variação atingiu todo o paradigma verbal (BAXTER, 1997). Contudo, a variação mais amplamente observada no PB, em geral, é aquela que afeta a terceira pessoa do plural (doravante <P6>), como nos exemplos (1), com concordância, e (2), sem concordância:

(1) ...Cumé que eles VIVEM lá fora?... (SCHERRE & NARO, 2006, p. 108)

(2) ...Eles VIVEØ dizem isso... (*ibid.*)

O presente capítulo contempla a variação <P6> em documentos da primeira metade do século XIX, escritos, entre 1832 e 1842, por africanos, membros da Sociedade Protetora dos Desvalidos.

1. CONTEXTO DO TEMA DA VARIAÇÃO <P6>

O fenômeno da reduzida morfologia de Pessoa /Número (doravante, P/ N) no verbo do PB e a variação na concordância verbal <P6> são temas de uma série de investigações variacionistas inspiradas nos trabalhos pioneiros de NARO & LEMLE (1976) e NARO (1981) sobre o PB do Rio de Janeiro. Dessa maneira, a variação <P6> conta com uma vasta documentação em contextos urbanos (por exemplo, GUY, 1981; NARO & SCHERRE, 1991; ANJOS, 1999; SCHERRE & NARO, 2006) e rurais (por

exemplo, BORTONI-RICARDO, 1985; NINA, 1980; SILVA, 2003, 2005). Por outro lado, a concordância sujeito-verbo também é tema de uma série de trabalhos teóricos (DUARTE, 1993; GALVES, 1993; COSTA & GALVES, 2002; COSTA & FIGUEIREDO SILVA, 2006, dentre outros).

Desenvolvido a partir de análises de dados urbanos da cidade do Rio de Janeiro, o trabalho fulcral de NARO (1981), além de contribuir com uma matriz metodológica já clássica, concluiu que a variação <P6> estava sendo orientada por questões de saliência fonológica, envolvendo dois fatores fundamentais: o contraste morfofonológico S3::P6 no verbo e a posição/realização do sujeito. No verbo, os contrastes morfofonológicos mais marcados favoreciam a concordância, enquanto que os menos salientes a desfavoreciam. Além disso, o sujeito anteposto e adjacente ao verbo e o sujeito não-realizado também eram fortes favorecedores da concordância.

A conclusão do Naro relativamente à diacronia da variação é bem conhecida: corresponderia a uma mudança em curso, no sentido da perda da flexão de concordância. Porém, em contrapartida, Guy (1981), também a partir de dados do Rio de Janeiro, mas refletindo sobre a sócio-história demográfica do Brasil, interpretou os fatos sob outro ponto de vista: a variação seria o reflexo de um processo de aquisição da morfologia de P/N. Desse modo, o trabalho de Guy provocou um ressurgimento do histórico debate sobre os motivos da reduzida morfologia flexional em variedades populares e rurais do PB. A variação seria uma continuação da deriva latina ou um produto dos contatos lingüísticos ocorridos na história da implantação do português no território brasileiro?¹

Nas décadas de 1980 e 1990, com os avanços nas áreas de estudo de aquisição lingüística, teoria sintática e sociolingüística, as investigações sobre os contatos lingüísticos evoluíram muito. Ao mesmo tempo, a base de dados foi ampliada e, no Brasil, além de focalizar outros centros urbanos, começaram-se a aplicar os mesmos paradigmas de análise a variedades rurais e a variedades com diferentes precedentes sócio-históricos e étnicos. Por um lado, foram abertas outras fronteiras, com a

¹ Em realidade, uma das maiores forças propulsoras da deriva latina seriam os diversos contatos lingüísticos, processos de aquisição L2 e L1 e bilingüismo, implicados na expansão e declínio do Império Romano e na história posterior dos seus antigos territórios.

garimpagem de dados variáveis no português europeu (doravante PE) (NARO & SCHERRE, 2000) e com o surgimento de estudos sobre as variedades de português L2 e L1 no continente africano (ROUGÉ, 1992, 2008; BAXTER, 2001, 2004; INVERNO, 2006; CABRAL, 2005; MENDES, 1985; GARTNER, 1996a, 1996b; FIGUEIREDO, 2007; GONÇALVES, 1996, 2004), que prometem contribuir bastante para esse debate. Nas últimas três décadas, estudos sobre variedades do PB mais além dos centros urbanos (EMMERICH, 1983; BAXTER, 1992; LUCCHESI, 2000, dentre outros) vieram reforçar a idéia de que a variação na concordância sujeito-verbo estaria ligada, em determinados momentos e em certos setores da sociedade, a questões de aquisição lingüística em contextos de contato.

Em estudos sobre os processos de aquisição, é constatado que a 3ª pessoa singular (doravante <P3>) do verbo tem o papel de *default* ou forma sub-especificada, tanto na aquisição de L1 (DAVIDSON & GOLDRICK, 2003; FERDINAND, 1996; GRINSTEAD, 1998a, 1998b; RADFORD & PLOENNING-PACHECO, 1995; RUBINO & PINE, 1998; SIMÕES & STOEL-GAMMON, 1979), quanto na aquisição de L2 (ANDERSON, 2002, p. 91; CLEMENTS, 2003; BRUYN DE GARAVITO, 2003; McCARTHY, 2006; PARADIS, 2004). Nesse papel, a flexão de <P3> coexiste em variação com as outras flexões de pessoa e número até o momento da eventual fixação dessas. Também é observada a variável generalização da 3ª pessoa singular do verbo junto a outras pessoas-números em variedades de português da África (BAXTER, 2002, p. 18-19; GONÇALVES & STROUD, 1998, p. 123; MENDES, 1985, p. 149-151; ROUGÉ, 1992, 2008). Relativamente à prevalência da variação <P6> observada no PB, a flexão <P6> é atestada como uma aquisição tardia na aquisição da L1 (RUBINO & PINE, 1998) e em situações de aquisição por contato lingüístico, e com forte *input* de dados da L2 adquirida pelo contato (ROUGÉ, 2008).

No âmbito dos estudos variacionistas sobre a <P6> no PB, consideramos que dois trabalhos se destacam como especialmente interessantes para a maior compreensão da história dessa variável: Vieira (1995), sobre a fala de doze comunidades de pescadores do norte fluminense, e Silva (2003, 2005), sobre três comunidades afro-brasileiras rurais no estado da Bahia, comunidades que têm um passado não muito remoto no qual estavam presentes dados de L2.

No estudo de Vieira (1995), a frequência média de concordância <P6> é da ordem de 38%, e uma análise por faixa etária revelou um perfil aquisicional na comunidade, sendo os falantes mais jovens os que mais utilizam a concordância. Silva (2003), por sua vez, encontrou frequências de concordância <P6> ainda mais baixas em três comunidades afro-brasileiras rurais, todas elas também com perfis etários de aquisição da regra: Cinzento (13%), Helvécia (16%) e Rio de Contas (24%). São resultados que contrastam com aqueles observados em contextos urbanos, mesmo com analfabetos: 48% no caso do estudo de Naro (1981) no Rio de Janeiro. Em um outro estudo, contemplando analfabetos e pouco escolarizados de João Pessoa, Anjos (1999) registrou frequências de 30% e 35%, respectivamente². Por outra parte, nos estudos urbanos que contemplam falantes escolarizados, as frequências são mais altas: no Rio de Janeiro, registram-se 73% em 1980 e 84%, em 2000 (SCHERRE & NARO, 2006); em Florianópolis, registram-se 79% (MONGUILHOT, 2001) e, em João Pessoa, registram-se 74% (ANJOS, 1999). Esse contínuo parece ir ao encontro da hipótese de que a variação no paradigma verbal tenha fortes origens em processos de aquisição (LUCCHESI, 2001, 2006). A breve discussão, neste capítulo, será orientada a partir dessa perspectiva.

2. OS DADOS E O SEU ESTUDO: VALOR HISTÓRICO E DIFICULDADES DE PROCEDIMENTO

Um dos principais motivos pelo interesse lingüístico dos dados das atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos (doravante, SPD) radica no simples fato de esses textos de um registro formal conterem variáveis morfossintáticas que são comuns no PB hoje em dia. Entre essas variáveis, figura a da concordância sujeito-verbo <P6>, sublinhada nos exemplos seguintes:

- (3) Aos vinte tres dias do mez deSetembro demil /oito centos etrinta e dous presentes o Juiz Funda /dor e Mais Mezarios Leo-se as cartas deregeite/ dos Diffinidores Joze deSouza

² Sousa (2002, 2004), nos seus estudos sobre a <P6> com falantes urbanos escolarizados de Salvador, registrou uma frequência geral de concordância <P6> de 50% entre pessoas com escolaridade fundamental (de 1 a 5 anos). Ao mesmo tempo, o seu estudo também registrou um robusto perfil aquisicional.

Santos - Caetano da Cunha - /Manoel Jose Giló - Francisco Candido: 3sahiraõ por / todos dito apalavra nullo té *que* por suas livre von / tade venha ser Irmaens
[documento escrito por Luís Teixeira Gomes]

(4) Aos dezanove días domez de Julho de 1835 / Estan émeza o Viz *Provedor* emais Mezarío fezse cha / mada e compareceu todos e Continuou-se os traba / lhos ...
[documento escrito por Manuel do Sacramento e Conceição Rosa]

(5) Aos Cinco dias domez de Junho de mil e Oito Centos / E trinta e Ceis estando Conjuntos o Provedor e mais Mezarí / os tratemos dos Recebimentos dos Menciais *e juntamente* das Asi - / natura do termos *que* tinha ficado adiado *para* esta Reuniaõ
[documento escrito por José Fernandes do Ó]

Mais importante ainda é o fato de encontrarmos essa variação em textos redigidos por africanos que falavam o português como L2, representantes de um setor da comunidade que, nas décadas de 1830 e 1840, ainda seria bastante numeroso. Na perspectiva da lingüística de contato (*Contact Linguistics*), esse setor da população teria a capacidade de contribuir para a introdução de variações paramétricas no português aprendido pelos seus descendentes.

Apesar do grande interesse desse material, cabe sublinhar certas limitações no que concerne ao seu estudo. Em primeiro lugar, além do pequeno número de dados a serem considerados, estamos diante de materiais escritos que representam a competência dos autores de uma maneira bastante indireta (MAYNOR, 1988), pois os dados dos Desvalidos provêm de um estilo muito formal, sujeito a uma monitoração reforçada. Tratando-se de dados urbanos, provenientes de representantes especiais do setor afro-brasileiro, seria natural que a força da norma culta estivesse sempre presente. São condicionantes que poderiam levar a um reforço da concordância³.

³ Desconhecemos os contextos em que os autores desses documentos adquiriram o português. Na maioria dos casos, o africano aprendeu o português como adulto, um fato que tem importantes implicações para o processo de aquisição de L2 e para a qualidade do português L2 aprendido. É notória a dificuldade do adulto para decodificar e adquirir a morfologia flexional da língua-alvo - uma característica psicolingüística do aprendiz adulto (DeGRAFF, 1999, p. 517). Aliás, na L2, quase sempre há influências da língua L1 (GASS, 1996; WINFORD, 2003, p. 209-216), assim como também há inovações que não se originam nem na língua L1, nem na língua-alvo do processo de aquisição (WINFORD, 2003, p. 219-230).

As perguntas centrais que surgem em torno dos dados dos Desvalidos dizem respeito às comparações entre o perfil de variação neles presente e o perfil de variação observado em vertentes do PB atual. Portanto, os temas que orientam a discussão seguinte são aqueles já tradicionais nas investigações sobre a variável <P6> no PB falado, nomeadamente:

- (i) Saliência fônica
- (ii) Realização e posição do sujeito
- (iii) Concordância plural no sujeito
- (iv) Indicação plural no sujeito
- (v) Tipo de verbo
- (vi) Caracterização semântica do verbo

Tendo dito isso, cabe alertar o leitor para a natureza preliminar e precária da discussão que se segue, porque os dados de <P6> disponíveis são muito poucos: uns escassos 52 verbos! Será que com tão poucos dados se pode tirar algum proveito científico? Acreditamos que sim, embora o minúsculo tamanho da amostra não permita uma análise estatística de confiança.

2.1. SALIÊNCIA FÔNICA

Esta variável, que contempla a saliência da oposição singular/plural do verbo, foi introduzida nas análises do PB por Naro e Lemle (1976), para avaliar a hipótese de que os verbos com uma maior oposição morfofonológica singular/plural apresentariam um maior grau de concordância sujeito-verbo. Inicialmente, no presente trabalho, foram contemplados os seis fatores da Tabela 1, à semelhança de Naro (1981), Bortoni (1985, p. 203) e Guy (1981, p. 260)⁴:

⁴ A classificação apresentada na Tabela 1 é a adotada pelo Projeto Vertentes www.vertentes.ufba.br.

Tabela 1: Saliência fônica da flexão <P6> (em contraste com <P3>)

<P6> com alteração fora da sílaba tônica	(1) Nasalização sem envolver qualidade (<i>conhece/conhecem, consegue/conseguem, sabe/sabem</i>) → a 3ª pessoa do singular termina em “e”
	(2) Nasalização com mudança de qualidade (<i>ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam</i>) → a 3ª pessoa do singular termina em “a”
	(3) Acréscimo de segmento no plural (<i>diz/dizem, quer/querem, sai/saem, vê/vêem</i>) → acréscimo silábico
<P6> com alteração dentro da sílaba tônica	(4) Ditongação e/ou mudança na qualidade (<i>tá/tão, vai/vão</i>)
	(5) Acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade (<i>bateu/bateram, viu/viram, foi/foram, disse/disseram</i>)
	(6) Envolve acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa (<i>veio/vieram, é/são</i> .)

Contudo, a distribuição numérica muito limitada dos dados nos obrigou a amalgamar fatores, para constituir somente dois: se a alternância envolve ou não uma mudança fora da sílaba tônica ou dentro dela. A Tabela 2 apresenta a distribuição encontrada:

Tabela 2: Saliência fônica versus concordância <P6>

Contraste morfofonológico	Concordância <P6> - Nº de dados	%
Fora da sílaba tônica	13/20	65%
Dentro da sílaba tônica	26/32	81%

As frequências desses dados limitados parecem apontar na mesma direção que as tendências globais observadas em outros estudos do efeito da saliência do contraste <P3>/<P6> no PB. Em todos esses estudos, a partir dos trabalhos clássicos de Naro (1981, p. 77), Guy (1981, p. 260) e Bortoni-Ricardo (1985, p. 205), a maior divisão na hierarquia de saliência está na tonicidade: todos os verbos mais salientes requerem na <P6> uma alteração morfofonológica na sílaba tônica, enquanto que os verbos menos salientes todos requerem na <P6> o acréscimo de um segmento nasal fora da sílaba tônica (ANJOS, 1999, p. 79; MONGUILHOT, 2002, p. 194; VIEIRA, 1995, p. 79; SILVA, 2005, p. 274)⁵.

⁵ Na perspectiva da aquisição do português como L2, um outro fator fonológico que poderia exercer um efeito em todos os casos de <P6> é a nasalização. O segmento nasal pode apresentar ao aprendiz

2.2. REALIZAÇÃO E POSIÇÃO DO SUJEITO

A realização do sujeito, em termos de presença e posição relativamente ao verbo, é um fator condicionante sobre a concordância sujeito-verbo observado em muitas línguas (CORBETT, 2006, p. 180-181; p. 199-200), sendo que anteposição do sujeito favorece a concordância. Um outro fator muitas vezes observado, em estudos cognitivos, como condicionante do processos de concordância é a proximidade entre o SN sujeito e o verbo (VIGLIOCCO *et alii*, 1996; BOCK & EBERHARD, 1993). Nos estudos sobre <P6> no PB, a importância dessa variável foi detectada no trabalho pioneiro de Lemle & Naro (1977) e se tornou uma constante em estudos subseqüentes. Na presente discussão, com base no estudo de Silva (2003), a variável realização e posição do sujeito contemplou, num primeiro momento, sete fatores:

- i. Sujeito anteposto e adjacente ao verbo
- ii. Sujeito com relativa anteposto ao verbo
- iii. Sujeito retomado por pronome relativo anteposto ao verbo
- iv. Sujeito com Sprep anteposto ao verbo
- v. Sujeito não realizado
- vi. Sujeito imediatamente posposto
- vii. Sujeito posposto separado por um ou mais constituintes

Novamente, devido à exigüidade de dados em alguns casos, foi necessário simplificar a análise e amalgamar esses fatores em três, como se vê na Tabela 3:

Tabela 3: Realização e posição do sujeito versus concordância <P6>

Realização e posição do sujeito	Concordância <P6> Nº de dados	%
Sujeito anteposto ao verbo	21/27	78%
Sujeito não realizado	7/10	70%
Sujeito posposto ao verbo	10/14	71%

diversos graus de dificuldade de incorporação, a depender do repertório fonológico da L1 do indivíduo e da sua capacidade aquisicional como aprendiz adulto. Entre as línguas africanas presentes em Salvador no século XIX, muitas línguas não-banto, por exemplo, o iorubá e o ewe, possuem vogais nasais. Em contrapartida, o haussá (língua chádica) e as línguas do ramo banto (que correspondem a aproximadamente 25% das línguas africanas presentes nesse período (ANDRADE, 1988, p. 104) não as possuem (WILLIAMSON, 1973; HAJEK, 2008).

A anteposição do sujeito registra mais concordância, enquanto que o sujeito não realizado e o sujeito posposto registram menos, com frequências semelhantes. De certa forma, a maior frequência de <P6> com sujeitos antepostos parece ir ao encontro dos resultados registrados em todos os estudos de <P6> nas últimas três décadas, nos quais esse fator é o mais favorável à concordância. Além disso, o sujeito não realizado, na maioria dos estudos anteriores, é um fator também favorável⁶, enquanto que o sujeito posposto é consistentemente desfavorável à concordância. Se as frequências registradas na Tabela 3 realmente constituem uma diferença significativa, talvez imposta pelo estilo formal dos documentos, é impossível dizer, sem acesso a um maior número de dados.

Os poucos dados disponíveis também dificultam um comentário sólido sobre o efeito da distância entre o núcleo nominal e o verbo ou sobre o efeito da proximidade de elementos pluralizadores. A Tabela 4 visou a diferenciar a distribuição do sujeito simples e do sujeito complexo (que inclui aqui os fatores (ii), (iii) e (iv) dos sete fatores acima).

Tabela 4: Sujeito anteposto (simples/complexo) versus realização da concordância <P6>

Realização e posição do sujeito	Concordância <P6> Nº de dados	%
Sujeito simples anteposto e adjacente ao verbo	9/10	90%
Sujeito complexo anteposto ao verbo	12/17	71%

Parece que o tamanho do SN, a sua complexidade e a distância entre o núcleo nominal e o verbo poderiam afetar negativamente a frequência de concordância <P6>, à semelhança dos efeitos de distância linear observados por Naro (1981, p. 80), Bortoni (1985, p. 205), Vieira (1995), Monguilhot (2001) e, recentemente, por Silva (2005, p. 280-285). Infelizmente, não podemos aventurar além de hipóteses.

⁶ Contudo, no estudo de Silva (2005, p. 264), o sujeito apagado é levemente desfavorável à concordância.

2.3. CONCORDÂNCIA E NATUREZA DA INDICAÇÃO PLURAL NO SN SUJEITO

Guy (1981, p. 249-254) explorou, em dados urbanos do Rio de Janeiro, o efeito sobre a concordância sujeito-verbo do grau de marcação de plural no SN sujeito, e de sujeitos com substantivos singulares em conjunção. Os resultados do seu estudo apontam para o favorecimento da <P6> apenas por sujeitos com concordância plural interna plena e também por sujeitos cuja pluralidade é indicada apenas pelo discurso. Posteriormente, o potencial efeito condicionante da concordância plural no sujeito, em relação à concordância no verbo, foi abordado em diversos trabalhos, entre os quais Scherre e Naro (1991), Vieira (1995), Anjos (1999), Naro e Scherre (1999), Monguilhot (2001) e, mais recentemente, Silva (2005). Nesses trabalhos, detecta-se um paralelismo entre a presença da concordância de plural no sujeito e a presença da flexão concordante no verbo. Por outra parte, esse efeito pode ser interpretado também em termos da coesão da estrutura total (LUCCHESI, 2000, p. 143), que considera a co-ocorrência de concordâncias um resultado da aquisição não só da flexão da língua-alvo (uma variedade de português com flexão morfossintática), mas também a aquisição de uma dimensão sintática dessa flexão, ou seja: a regra de concordância inter-sintagmática da língua-alvo. A idéia coincide com o modelo de aquisição e desenvolvimento morfossintático proposto por Peinemann (1998): a expansão na dimensão morfossintática inter-sintagmática da flexão só ocorre quando a dimensão intra-sintagmática for cristalizada (PLAG, 2008).

O presente trabalho seguiu os procedimentos metodológicos de Silva (2003, 2005), nos seus estudos sobre a fala de comunidades afrobrasileiras baianas. Dessa maneira, optamos por constituir duas variáveis em relação à indicação de plural no SN. Em um primeiro momento, foi avaliado o efeito da simples presença ou ausência da concordância plena no SN sujeito. Na Tabela 5, a distribuição dos dados por esses dois fatores parece estar na direção da tendência amplamente observada em estudos anteriores (por exemplo, VIEIRA, 1995; SILVA, 2003, 2005): ou seja, a tendência de que a presença da concordância no sintagma nominal seja um fator favorecedor da concordância sujeito-verbo. Contudo, e à diferença desses estudos, nos quais a ausência da concordância no sujeito tende a desfavorecer a concordância sujeito-

verbo, os dados considerados aqui só apresentam uma pequena diferença numérica e de frequência na marcação de <P6> com e sem sujeito com concordância plural interna. Novamente, sem acesso a um maior número de dados, é problemático aventurar além dessas observações preliminares.

Tabela 5: Concordância plural no sujeito *versus* concordância <P6>

Concordância PL no sujeito	Concordância <P6> Nº de dados	%
Com concordância PL	17/21	81%
Sem concordância PL	17/22	77%

Em um segundo momento, foi investigada a distribuição do tipo de indicação de plural no sujeito, relativamente à realização de <P6>. Inicialmente, foram considerados os fatores (i) a (iv) tratados por Silva (2003, p. 90), com o acréscimo do fator <sujeito composto por SNs singulares>:

- i. Indicação mórfica do plural
- ii. Plural indicado com numeral
- iii. Plural indicado pela semântica do lexema
- iv. Plural indicado por quantificador
- v. Sujeito composto por SNs singulares

Contudo, devido a lacunas na distribuição dos dados, foram amalgamados os plurais indicados por numerais e quantificadores, e eliminou-se o fator (iii), o plural indicado pela semântica do lexema. A Tabela 6 apresenta a distribuição dos valores numéricos e as frequências obtidas:

Tabela 6: Natureza da indicação PL no sujeito *versus* concordância <P6>

Natureza da indicação PL no sujeito	Concordância <P6> Nº de dados	%
Indicação mórfica	22/31	71%
Numeral ou quantificador	8/10	80%
Sujeito composto por SNs singulares	9/11	82%

Silva (2003) não analisou o sujeito composto, mas, no estudo de Guy (1981, p. 253), esse fator (tratado junto com a concordância total no SN, a concordância parcial

e o sujeito plural indicado pelo discurso) foi bastante inibidor (31% de concordância <P6>, com um peso relativo de .24). No presente caso, os dados são muito poucos, mas a maior frequência da concordância <P6> com sujeitos com numeral ou quantificador, por um lado, e com sujeitos compostos, por outro, podia ser um indicador de um efeito semântico de pluralidade no sujeito. Novamente, é uma distribuição difícil de interpretar.

Um outro perfil interessante está na diferença de frequências de <P6> com os sujeitos plurais com indicação plural mórfica e aqueles com um numeral/quantificador. Embora ambos registrem frequências de <P6> bastante altas, enquanto que, no estudo de Silva (2003, p. 160), por exemplo, registram frequências de <P6> baixas (12% e 17%, respectivamente) e pesos relativos praticamente neutros (.47 e .52, respectivamente), nos dois casos, o SN com quantificador/numeral registra a maior frequência de <P6>.

2.4. O TIPO DE VERBO

Scherre *et alii* (2007) discutem o efeito do tipo de verbo, uma questão levantada em trabalhos gerativistas, que apontam para a possibilidade de a distinção tripartida de verbos intransitivos inacusativos (*chegar, morrer, nascer ...*), intransitivos não-inacusativos (*trabalhar, nadar, dançar ...*) e transitivos (*fazer, falar, dar...*) exercer uma influência na concordância sujeito-verbo. Os estudos de tipologia comparada sobre os sistemas de concordância também apontam para os possíveis efeitos condicionantes por parte de determinadas classes de verbos, mas em termos das interrelações superpostas e interativas entre os papéis temáticos, as relações gramaticais, e ainda as funções comunicativas dos argumentos (CORBETT, 2006, p. 185-204).

Analisando dados de dois *corpora* substanciais do Rio de Janeiro das décadas de 1980 e 2000 e de um *corpus* de um idioleto maranhense, Scherre *et alii* (2007) chegam à conclusão de que as características do verbo, classificados sob uma perspectiva gerativista ou sob uma perspectiva tradicional, não demonstram um efeito estatisticamente relevante sobre a variação de <P6>. Porém, algumas pesquisas

efetuadas com dados de outras comunidades, por exemplo, Monguilhot (2001), Monguilhot & Coelho (2002) e Silva (2003), revelam que as características da estruturação e semântica argumental do verbo efetivamente condicionam a concordância <P6>. Para a avaliação da distribuição do tipo de verbo nos dados dos Desvalidos, adotou-se inicialmente a seguinte classificação, utilizada pelo Projeto Vertentes:

- a. Transitivo
- b. Locativo
- c. Intransitivo
- d. Inacusativo
- e. Ligação
- f. Modal
- g. Voz passiva
- h. Auxiliar
- i. Ergativo

Contudo, neste caso também, o tamanho mínimo da amostra e o fato de alguns fatores não estarem representados levaram a uma simplificação do grupo, resultando em apenas três fatores, apresentados na Tabela 7:

Tabela 7: Tipo de verbo *versus* concordância <P6>

Tipo de verbo	Concordância <P6> Nº de dados	%
Transitivo	15/19	80%
'Auxiliar' (auxiliar, passiva e modal)	14/17	82%
'Intransitivo' (inacusativo e não inacusativo)	9/11	80%

Dos 11 dados de verbos intransitivos, oito são inacusativos. Se as frequências pouco diferenciadas desses fatores realmente indicam que esse grupo talvez não tenha muita relevância, é difícil de avaliar, sem a possibilidade de ter acesso a um maior número de dados.

2.5. CARATERIZAÇÃO SEMÂNTICA DO SUJEITO

Em todos os estudos da concordância <P6> desde o final da década de 1970, a animacidade do SN sujeito tem se relevado como um fator significativo, que tende a favorecer a concordância (SCHERRE *et alii*, 2007, p. 284-285). Nos estudos de tipologia comparada, a animacidade, junto com o papel temático de agente, é um importante fator condicionante da concordância e pode funcionar como tal, independentemente do papel temático (CORBETT, 2006, p. 190-193).

A Tabela 8 apresenta as proporções da distribuição da distinção [\pm humano] no *corpus* dos Desvalidos:

Tabela 8: Animacidade do sujeito *versus* concordância <P6>

Animacidade do SN sujeito	Concordância <P6> Nº de dados	%
+humano	33/40	83%
-humano	6/12	50%

Certamente o SN sujeito humano, nesse *corpus*, contém proporcionalmente mais casos de concordância, mas também é verdade que há bastante mais sujeitos humanos (79% dos sujeitos) no *corpus* do que sujeitos não-humanos (21%). Pensamos que cabe levar em conta que a própria natureza temática dos textos induz a um maior uso de sujeitos humanos.

Mesmo assim, esse perfil encontra um paralelo em outros estudos do PB e é apoiado pelos estudos tipológicos sobre a concordância. O recente estudo de Monguilhot (2002), com dados urbanos de Florianópolis, detectou um peso relativo de .65 no efeito de condicionamento da <P6> por sujeitos humanos antepostos ao verbo e um peso de .25 no caso do sujeito [-humano]. Contudo, numa análise prévia, no seu estudo da concordância <P6> em comunidades afro-brasileiras rurais, Silva (2003, p. 169) detectou um efeito relativamente leve para essa variável: o sujeito [+humano] registrou apenas uma freqüência de 17%, com um peso relativo de .52 (ou

seja, quase neutro), enquanto que o sujeito [-humano] registrou apenas 10% de concordância, com um peso relativo de .40⁷.

Concluimos que a diferença de frequências de <P6> na Tabela 5 é sedutora pela maior força do fator [+humano], embora o baixo número de dados não nos permita uma conclusão sólida.

CONCLUSÕES

Neste capítulo, examinamos dados provenientes de documentos do arquivo da Sociedade Protetora dos Desvalidos, numa tentativa de detectar indícios do perfil da variação na concordância sujeito-verbo no português falado por africanos em Salvador, nas décadas de 1830 e 1840.

Devido à exigüidade dos dados, e sem podermos recorrer a uma análise estatística mais apurada, nos limitamos a uma avaliação da sua distribuição numérica e frequencial, em termos de um conjunto de fatores lingüísticos amplamente estudados em investigações sobre a <P6> no PB. Com base nos resultados da análise de dados provenientes de textos formais escritos por escravos, chegamos à conclusão de que vários dos fatores lingüísticos que orientam a variação <P6> no PB atual parecem encontrar paralelos nesses dados. Neste sentido, detectam-se vários fios sugestivos:

- A saliência morfofonológica do contraste <P3>/<P6>: a frequência de <P6> é maior em sílabas tônicas (81%) do que em sílabas átonas (65%);
- A posição e o estatuto do sujeito em relação ao verbo: a frequência de <P6> com sujeito anteposto (78%) é maior do que nos casos de sujeito posposto (71%) ou apagado (70%);
- A distância entre o (núcleo do) sujeito e o verbo: a <P6> aparece mais com sujeitos simples antepostos ao verbo do que com sujeitos complexos;

⁷ Anjos (1999, p. 116) registra resultados semelhantes a esses, com pesos relativos de .51 e .42 por sujeito [+humano] e [-humano], respectivamente.

- Paralelismo entre concordância de número no SN sujeito e presença de <P6>: o efeito parece existir, mas o número de dados não dá uma resposta clara. Porém, há mais freqüência de <P6> quando o sujeito contém um quantificador/numeral ou um SN composto de dois SNs simples do que quando o plural no SN é só mórfico;
- O tipo de verbo (intransitivo inacusativo, intransitivo não-inacusativo e transitivo) não parece exercer uma influência diferencial sobre a <P6>;
- Animacidade do sujeito: há mais freqüência de <P6> com sujeitos [+humano] (83%) do que com os sujeitos [-humano] (50%).

É evidente que, para validar as observações preliminares deste capítulo, será fundamental ampliar e enriquecer a base de dados por meio de investigações nos arquivos de outras irmandades negras na Bahia, nomeadamente em Salvador e no Recôncavo. Em simultâneo, será imprescindível explorar dados que não sejam de procedência expressamente afro-brasileira, para ter uma base de comparação e controle.

Contudo, e apesar das limitações dos dados escritos avaliados aqui, parece que alguns padrões do atual perfil de variação em torno da concordância <P6> já existiam no português falado como segunda língua por africanos em Salvador nas décadas de 1830 e 1840.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Roger. (2002). The dimensions of pastness. In: SALABERRY, Rafael; SHIRAI, Yasuhiro. (Orgs.). *The L2 acquisition of tense-aspect morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. p. 79-105.

ANJOS, Sandra Espínola. (1999). *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

ANDRADE, Maria. José de S. (1988). *A mão de obra escrava em Salvador, 1811 – 1860*. São Paulo: Corrupio.

BAXTER, A. N. (1992). A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a criouliização prévia: um exemplo do Estado da Bahia. In: D'ANDRADE,

Ernesto; KIHM, Alain. (Eds.). *Actas do Colóquio sobre 'Crioulos de Base Lexical Portuguesa'*. Lisboa: Edições Colibri. p. 7-35.

BAXTER, A. N. (1997). Creole-like features in the verb system of an Afro-Brazilian variety of Portuguese. In: SPEARS, A. K.; WINFORD, Donald. *The structure and status of pidgins and creoles*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. p. 265-288.

BAXTER, A. N. (2002). Semicreolization? The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 1, Issue 1, p. 7-39.

BAXTER, A. N. (2004). The development of variable NP plural agreement in a restructured African variety of Portuguese. In: ESCURE, Geneviève; SCHWEGLER, Armin. (Orgs.). *Creoles, contact and language change: linguistics and social implications*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. v. 27, p. 97-126.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (1985). *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. New York: Cambridge University Press.

BOCK, J. K.; EBERHARD, K. M. (1993). Meaning, sound, and syntax in English number agreement, *Language and Cognitive Processes*, London, n. 8, p. 57-99.

BRUYN DE GARAVITO, Joyce. (2003). Learner's competence may be more accurate than we think: Spanish L2 and agreement morphology. In: LICERAS, Juan M. (Org.). *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. p. 17-23.

CABRAL, Lisender Augusto Vicente. (2005). *Complementos verbais preposicionados do português em Angola*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa.

CLEMENTS, J. Clancy. (2003). The tense-aspect system in pidgins and naturalistically learned L2, *Studies in second language acquisition*, Cambridge University Press, n. 25, p. 245-281.

COELHO, Francisco Adolfo. (1967[1880-1886]). Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. *Estudos Lingüísticos Crioulos, reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Academia Internacional da Língua Portuguesa*, Lisboa.

COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. (2006). Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. In: COSTA, João; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. (Eds.) *Studies on agreement. Linguistics today*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. v. 86, p. 25-46.

COSTA, João; GALVES, Charlotte. (2002). External subjects in two varieties of Portuguese. Evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, R.; DRIJKONINGEN, F.; MONACHESI, P. (Eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2000. Selected papers from Going Romance 2000*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. p. 109-125.

CORBETT, Greville G. (2006). *Agreement*. Cambridge: Cambridge University Press.

DAVIDSON, Lisa; GOLDRICK, Matthew A. (2003). Tense, agreement and defaults in child Catalan: an optimality theoretic account. In: MONTRUL, Silvina; ORDÓÑEZ, Francisco. (Orgs.). *Linguistic theory and language development in Hispanic languages*. Somerville, MA: Cascadilla Press. p. 193-211.

DeGRAFF, Michel. (1999). Creolization, language change, and language acquisition: an epilogue. In: DeGRAFF, Michel. (Org.). *Language creation and language change: creolization, diachrony, and development*. Cambridge: The MIT Press. p. 473-544.

EMMERICH, Charlotte. (1984). *A língua de contato no Alto Xingu*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERDINAND, A. (1996). *The development of functional categories: the acquisition of the subject in French*. Holland Institute of Generative Linguistics. Dordrecht: ICG printing.

FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. (2008). A concordância variável no sintagma nominal plural do Português reestruturado de Almocharife (São Tomé), *PAPIA*, Brasília, v. 18, p. 23-43.

GALVES, C. M. C. (1993). Preenchedores sintáticos nas fronteiras de constituintes. In: CASTILHO, Ataliba de. (Org.). *Gramática do português falado: Vol. III: As abordagens*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 235-271.

GALVES, C. M. C. (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, Mary A.; ROBERTS, Ian. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 387-403.

GARTNER, Eberhard. (1996). Coincidências dos fenómenos morfo-sintáticos do substandard do português do Brasil, de Angola e de Moçambique. In: DEGENHARDT, Ruth; STOLZ, Thomas; ULFERTS, Hella. (Orgs.). *Afrolusitanistik: eine vergessene Disziplin in Deutschland*. Bremen: Universität Bremen. p. 146-180.

GASS, Susan M. (1996). Second language acquisition and linguistic theory: the role of language transfer. In: RITCHIE, William. C.; BAHTIA, Tej K. (Orgs.). *Handbook of second language acquisition*. New York: Academic Press. p. 317-348.

GONÇALVES, Perpétua. (2004). Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: arguments from the genesis of Moçambican African Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, v. 19, n. 2, p. 225-259.

GONÇALVES, Perpétua. (1996). Aspectos da sintaxe do português de Moçambique. In: HUB FARIA, Isabel; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. (Orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho. p. 313-322.

GONÇALVES, Perpétua; STROUD, Christopher. (1998). *Panorama do português oral de Maputo. Volume III: Estruturas gramaticais do português – problemas e aplicações*. Cadernos de pesquisa nº 27. Maputo: Imprensa Universitária.

GRINSTEAD, J. (1993). *Tense, agreement and nominative case in child Catalan and Spanish*. M. A. Thesis. UCLA.

- GRINSTEAD, J. (1998). *Subjects, sentential negations and imperatives in child Spanish and Catalan*. PhD dissertation. UCLA.
- GUY, Gregory R. (1981). *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Ann Arbor: University Microfilms International.
- HAJEK, John. (2008). Vowel nasalization. In: HASPELMATH, Martin; DRYER, Matthew S.; GIL, David; COMRIE, Bernard. (Eds.). *The world atlas of language structures online*. Munich: Max Planck Digital Library, chapter 10. <http://wals.info/feature/10>
- INVERNO, Liliana. (2006). *Angola's transition to vernacular Portuguese*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- LEMLE, M. ; NARO, A. J. (1977). *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Fundação MOBIL MEC/Fundação Ford. p. 1-150.
- LUCCHESI, Dante. (2006). Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 83-112.
- LUCCHESI, Dante. (2001). As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-132.
- LUCCHESI, Dante. (2000). *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MAYNOR, N. (1998). Written records of spoken language: how reliable are they? In: THOMAS, Alan R. (Org.). *Methods in dialectology: Proceedings of the Sixth International Congress*, University College of North Wales. Philadelphia: Multilingual Matters. p. 109-120.
- McCARTHY, Corrine. (2006). Default morphology in second language Spanish: missing inflection or underspecified inflection? In: NISHIDA, Chiyo; MONTREUIL, Jean-Pierre Y. (Eds.). *New Perspectives on Romance Linguistics: Vol. I: Morphology, Syntax, Semantics, and Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. p. 201-212.
- MENDES, Beatriz C. (1985). *Contributo para o estudo da língua portuguesa em Angola*. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MONGUILHOT, Isabel de Oliveira e Silva. (2001). *Variação na concordância verbal da terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MONGUILHOT; Isabel de Oliveira e Silva; COELHO, Izete Lehmkuhl. (2002). Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDERSEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT. p. 189-216.
- NARO, A. J. (1981). The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, p. 63-98.

- NARO, A. J.; LEMLE, M. (1976.). Syntactic diffusion. In: *Parasession on Diachronic Syntax, 1976, Chicago. Papers from the Parasession on Diachronic Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society. p. 221-240.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. (1991). Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos de fala. In: SILVA, Giselle M; TARALLO, Fernando. (Orgs). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 20, p. 9-16.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. (2000). Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: McWHORTER, John. (Ed.). *Language change and language contact in pidgins and creoles*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. p. 235-255.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, M. M. P. (2007). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- NINA, Terezinha. (1980). *Concordância nominal/verbal do analfabeto na Micro-Região Bragantina*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PARADIS, M. (2004). *A neurolinguistic theory of bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co.
- PIENEMANN, Manfred. (1998). *Language processing and second language development: processability theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co.
- PLAG, Ingo. (2008). Creoles as interlanguages – inflectional morphology. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, v. 23, p. 114-135.
- RADFORD, A.; PLOENNIG-PACHECO, I. (1995). The morfossyntax of subjects and verbs in child Spanish: a case study. *Essex research reports in linguistics*, n. 5, p. 23-67.
- ROUGÉ, Jean-Louis. (1992). Les langues des Tongas. In: *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri. p. 171-176.
- ROUGÉ, Jean-Louis. (2008). A inexistência de crioulo no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Eds.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto. p. 63-73.
- RUBINO, Rejane B.; PINE, Julian M. (1998). Subject-verb agreement in Brazilian Portuguese: what low error rates hide. *Journal of Child Language*, Cambridge, v. 25, p. 35-59.
- SCHERRE, M. M. P. (1988). *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SCHERRE, M. M. P. (1998). Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M; SCHERRE, M. M. P. (Eds.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 85-118.
- SCHERRE, M. M. P. (2001). Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*, Cambridge University Press, v. 13, p. 91-107.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. (2006). Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. (2007). O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, n. 23, esp., p. 283-317.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. (2003). *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. (2005). *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolingüístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES, Maria C. P.; STOEL-GAMMON, Carol. (1979). The acquisition of inflections in Portuguese: a study of the development of person markers on verbs. *Journal of Child Language*, Cambridge University Press, v. 6, p. 53-67.

SOUSA, Constância Maria Borges de. (2002). A concordância sujeito/verbo na 3ª. pessoa do plural no português popular de Salvador. In: *XIX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos*, 2, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste, p. 215.

SOUSA, Constância Maria Borges de. (2004). A concordância verbal: a relevância das variáveis lingüísticas e não lingüísticas. In: *XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos*, 2, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste, p. 543-550.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. (1995). *Varição em dialetos populares do norte-fluminense*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VIGLIOCCO, Gabriella; BUTTERWORTH, Brian; GARRETT, Merrill F. (1996). Subject-verb agreement in Spanish and English: differences in the role of conceptual constraints. *Elsevier Science, Cognition*, v. 61, p. 261-298.

WILLIAMSON, Kay. (1973). More on nasals and nasalization in Kwa. *Studies in African Linguistics*, Ohio State University, Department of Linguistics, v. 4, p. 115-138.

WINFORD, Donald. (2003). *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell.